

História Social dos trabalhadores do Instituto Butantan: ASIB – Associação dos Servidores do Instituto Butantan Entrevista de Antônio Carlos Barbosa^{1,2}

Introdução³

A entrevista de Antônio Carlos Barbosa é peça-chave do projeto de pesquisa História Social dos trabalhadores do Instituto Butantan (IBu). Este projeto visa investigar as formas de organização dos trabalhadores da instituição e sua relação com a história da instituição, dando voz a sujeitos nem sempre valorizados pela própria história.

Este projeto vincula-se a linha de pesquisa *Análise Histórico-Institucional do Instituto Butantan* do Laboratório de História da Ciência.

O projeto ganhou corpo a partir do apoio da pesquisadora Maria Lucia Mott, que já trabalhava com pesquisas sobre a história social dos trabalhadores da saúde. Inicialmente buscava-se apenas levantar e organizar materiais para criação de um Fundo de Pesquisa, mas posteriormente tornou-se um projeto de pesquisa para investigação da história dos trabalhadores e suas formas de organização.

A partir desse depoimento já foi possível constituir uma primeira linha do tempo da ASIB. Algumas lacunas ainda precisam ser preenchidas com novos depoimentos e outros materiais, como iconografias, recortes de jornal, revistas, textos na internet, materiais produzidos pelos próprios trabalhadores, documentos do Instituto Butantan e da ASIB, e rodas de memória com trabalhadores antigos.

Os materiais recolhidos serão organizados em um Fundo de Pesquisa que poderá ser consultado e ampliado cotidianamente de modo que outros trabalhadores, sujeitos dessa história, possam não só se identificar, mas contá-la e recontá-la num processo dialógico enriquecedor do próprio acervo.

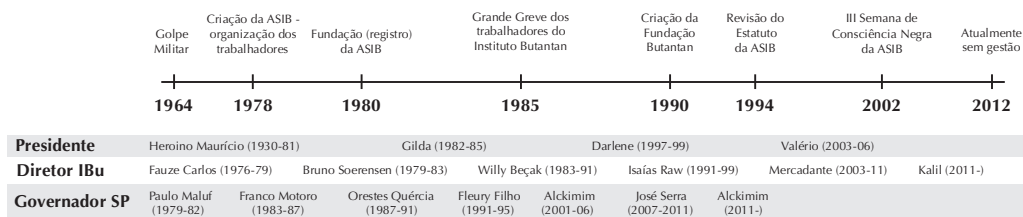
Este depoimento apresenta explicitamente fatos políticos e históricos do Instituto e dos seus trabalhadores, mas implicitamente é possível perceber características da instituição através da lente de um trabalhador. O cotidiano da instituição, sua cultura institucional e o desenvolvimento da própria ciência.

¹ Técnico de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto Butantan. Serpenteiro do Serviço de Recepção da Herpetologia. Ingressou no Instituto Butantan em 1976, é um dos fundadores da ASIB – Associação dos Servidores do Instituto Butantan.

² Entrevista realizada no dia 23 de novembro de 2012, no Laboratório de História da Ciência por Carlos Eduardo Sampaio Burgos Dias (carlos.dias@butantan.gov.br), historiador do Laboratório de História da Ciência - IBu, e por Douglas Cristiano Afonso da Silva (cristianohistoria@bol.com.br), educador do Museu Histórico - IBu.

³ Este depoimento foi editado para publicação, mas pode ser consultado na íntegra junto ao Núcleo de Documentação do Instituto Butantan.

Linha do Tempo: Criação da ASIB, fatos e atores internos e externos



Fonte: Dias, Silva e Barbosa. *História Social: memória coletiva dos trabalhadores do Instituto Butantan (1970-2000)*. XIV Reunião Científica Anual do Instituto Butantan, 05 de dezembro de 2012. São Paulo: Instituto Butantan.

Por favor, se apresente.

Meu nome é Antonio Carlos Barbosa. Eu ingressei no Instituto Butantan em agosto de 1976, num concurso bastante disputado. Inclusive consegui a segunda colocação e o Zé Roberto que hoje é chefe dos soros foi o 1º colocado. Já conhecia o Instituto Butantan por morar perto. Não saía daqui quando garoto, adolescente. Eu não era diferente desses meninos que ficam em cima da jabuticabeira pegando jabuticaba, pegando goiaba e coisa desse tipo. Só era mais um entre outros e nunca imaginei que iria trabalhar no Instituto Butantan. Em [19]76, época da ditadura, a gente vivia um momento bastante difícil, período cinza da nossa história. Negro, desempregado e adolescente na ditadura era muito difícil de segurar a onda. Se fosse mulher era pior ainda. Não arrumava emprego em lugar nenhum. Já tinha trabalhado no Correio e no Itaú como contínuo. Fiz um curso aqui na Poli [USP] que tinha patologia clínica e coisas sobre laboratório. Eu fiz mais para poder juntar conhecimento, mas foi isso que me deu condições de ser o 2º colocado no concurso do Instituto Butantan em 1976. Eu estava num boteco com um amigo, que hoje é funcionário daqui, o Luiz Carlos Hilário, o “Pelézinho” e chegou um motorista da sub frota oferecendo pro Hilário a oportunidade de se inscrever num concurso no Instituto Butantan. Na época o Hilário era muito bem empregado, era protético e tinha mais outro emprego, acho que tinha uns três empregos. Ele falou: “não estou precisando, mas arruma pro meu amigo aqui” e me deu a ficha de inscrição. Fiz a inscrição, prestei o concurso e entrei no Butantan.

O Instituto Butantan realmente era um caso à parte. Eu tinha feito um curso na prefeitura de consolidação das leis trabalhistas, CLT. Então, entendia tudo de trabalho na CLT, mas não entendia nada de estatutário, mas eu queria direitos, né? E o Butantan não fornecia. Funcionário público naquela época não tinha 13º. Você recebia dois salários em dezembro e em janeiro você ficava sem salário.

Essa era umas das coisas mais gritantes e que não passava na minha garganta. Nas poucas empresas que eu trabalhei tinha esporte, lazer, quando eu trabalhei no Itaú tinha o Sindicato dos Bancários e tinha uma sede fenomenal na São Bento, com xadrez, torneios e tudo mais. Eu estava meio afeiçoado com essas coisas, e sempre fui criado em colégio interno. Sempre tive muita prática de esporte e no Instituto Butantan não tinha nada, tudo era poder. E tanto é que logo que eu entrei no Butantan haviam passado com os tratores em cima de uma organização de funcionários, a AFIB (Associação dos Funcionários do Instituto Butantan). Para ser um clube completo só faltava piscina, até o presidente Jânio Quadros esteve na sede e o pessoal da Diretoria não teve a sensibilidade de pedir pra ele assinar aquilo como definitivo. E tinha muita parceria com o pessoal de fora, comerciantes, gente influente da região naquela época. Isso começou ficar muito frequente, a ponto de às vezes ser impossível funcionários do Butantan entrarem em bailes e na própria sede. As reclamações começaram a ser muitas.

Foi na gestão da Dra Jandira ou do Fauze Carlos, Diretor Técnico do Instituto Butantan que foi deputado, que mandou passar o trator por cima. Isso foi antes de eu ingressar no Butantan. Foi então que eu comecei a conversar com essas pessoas que tinham associação, mas todo mundo falava com uma certa reticência, com um certo receio de tocar no assunto. Ninguém explicava muito sobre isso.

Aí comecei a fomentar a ideia de fazer uma organização que nos representasse. A gente vê que em [19]78 era um período difícil. Os professores faziam greve e a gente ia a reboque, não tinha voz, não tinha direito de subir no palanque e se fazer representar. Eu imaginava: o Instituto Butantan é uma organização [de nível] internacional, com pessoas tão importantes do mundo das ciências - na época Dr. Willy Beçak e muitos outros – e não tem uma organização de funcionários à altura dessa grandeza. A gente tinha algumas coisas muito sérias pra resolver e a gente não tinha voz. Individualmente, na época da ditadura, você não conseguia nada. Conseguia punição, advertência e exoneração se você forçasse muito a barra. Precisávamos fazer uma organização. Uma já havia sucumbido, diante da truculência e da falta de escrúpulos das próprias pessoas que estavam dirigindo a entidade naquela época e pela truculência do poder.

Então nós resolvemos, com um intuito muito mais político do que assistencial, criar uma entidade que conseguisse ser a voz de todos os servidores do Instituto Butantan (Imagem 1). É interessante esse nome 'servidores' por que é muito mais abrangente. Todas as pessoas - estagiários, bolsistas, todos são servidores na instituição na medida em que passam por aqui. Funcionário é especificamente estatutário, extranumerário, temporário e acabou. Quando você fala servidores do IBu você está falando desde o presidente da Fundação, do Diretor Técnico ao braçal, entregador de papel. Todos somos servidores do IBu, e essa ideia de fazer

uma entidade que fosse isso, que não fosse limitada do ponto de vista organizacional, foi que nos animou.

Imagem 1) Registro em cartório ASIB - 1980

ILMO. SR. OFICIAL DO 6.º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS

6.º OFÍCIO DO REG. CIV. DAS PESSOAS JURÍDICAS
MICROFILMADO SOB N.º 1389

HEROINO MAURICIO, abaixo assinado
(Nome por extenso)

Brasileira, solteiro, auxiliar de laboratório, Rua José Piragibe, nº 12
(nacionalidade, estado civil, profissão, residência, rua e n.º, R.G. ou C.I.C.)

Vila Indiana, São Paulo, RG 4 709 263, CIC 207 192 058/91

representante legal da entidade civil Associação dos Servidores do Instituto Butantan

com sede a rua Vital Brazil

n.º 1500, Butantan, requer de V. S. seja registrado
(Bairro) (registrado, averbado, arquivado)

o (a) incluso (a) Estatuto
(Estatuto, Contrato Social, Alteração, Distrato, etc....)

para o que junta dois exemplares do Diário Oficial em que foi publicado seu extrato.

14.º CARTÓRIO DE NOTAS-VAMPRE
CARDEAL ARCOVERDE, 2210-PINHEIROS-S. PAULO

RECONHEÇO por semelhança a firma
Heroino Mauricio

SÃO PAULO, 2 de Outubro 1980

Escrev. Aut.: Rubens Mantas Cortez
Francisco Barreto Filho

Cada firma Cr\$ 13,00 - Sólus pagos por verba

São Paulo, 02 de Outubro de 1980

Heroino Mauricio
(Representante)

CARTÓRIO VAMPRE
14.º OFÍCIO DE NOTAS
FRANCISCO BARRETO FILHO
ESCRIVESTE AUTORIZADO
SÃO PAULO - SP

INSTRUÇÕES: — Reconhecer firma em todos os casos.

Fonte: ASIB – Associação dos Servidores do Instituto Butantan

Na época eu também comecei a militar no Partido Comunista, PC do B. Tinha uma célula do PC do B aqui e a gente foi ampliando essa célula, fundando várias células. Fomos criando uma política de classe dos trabalhadores do IBu, desenvolvendo um trabalho político de conscientização. O objetivo era derrubar o regime militar mesmo. Essa entidade tinha como principal papel servir como instrumento para abalar as estruturas do regime militar! Ao funcionalismo era vedado o direito de sindicalização. Então nós nos valíamos de organizações de classe, que era permitido, que eram organizações sociais, associações locais de base. Todas as instituições no funcionalismo tinham suas associações: Adolpho Lutz, Emilio Ribas, Hospital das Clínicas, Dante Pazzanese, Instituto Agrônômico. Todos tinham suas organizações locais, e a gente foi se organizando de forma a ficar mais forte e melhor amarrado. Então a gente criou uma associação que representasse todos os servidores, todas as associações da Secretaria de Estado da Saúde, que veio a se chamar ASSES (Associações de Servidores da Secretaria de Estado da Saúde). ASSES é o que hoje é o SINDSAUDE (Sindicato dos Servidores da Saúde do Estado de São Paulo). E eu fiz parte da primeira diretoria provisória como representante do Butantan.

Isso foi em que ano?

A ASSES passou em 1980, mais ou menos. A gente fundou a ASIB mais ou menos em 78 e começamos a participar ativamente de todo movimento no estado. A ASIB ganhou uma respeitabilidade muito grande porque nós levantamos bandeiras que foram unitárias para o funcionalismo. Nós não tínhamos 13º, nós não tínhamos adicional de insalubridade, e foi o IBu que levantou estas duas bandeiras. O que aconteceu? Primeira greve. Quer dizer, teve uns outros períodos, período do Maluf, que a gente conquistou uma creche pros funcionários, que inclusive a esposa do Maluf inaugurou que é a creche que a gente tem hoje. Mas a luta contra o regime militar para a gente era muito importante. Foi quando a gente fez a primeira greve. O Butantan estava de fora, estava se organizando pra participar da primeira greve. Nunca tinha feito uma greve. A bandeira principal da greve era 70 + 2000. Era na época do Maluf. O que era 70 + 2000? Eram 70% de aumento no salário, mais 2000 reais no holerite. Pra ter uma noção do que significava esses 2000 reais, eu como auxiliar de laboratório ganhava 750 cruzeiros. 2000 cruzeiros em cima do meu salário, eu ia ter um aumento substancial - ia passar a ganhar 2750 cruzeiros. O Maluf é o grande responsável por rotular o funcionalismo como vagabundo, que não faz nada. A gente fez uma greve tamanha que ele teve que ceder. Ai ele cedeu, mas deu um bote nos pesquisadores. Pros pesquisadores interessava mais o 70%. O que o Maluf fez? Deu 2000 pra todo mundo e deixou os pesquisadores falando sozinhos. Aí os pesquisadores

correram por fora. Dizem que venderam o nosso movimento e tudo mais, e conseguiram os 70% depois.

Daqui saiu ônibus, por exemplo, pra ir pra Brasília, no movimento contra a carestia. Apanhamos, e foi o diabo - tropa de choque para cima da gente em Brasília, entramos por dentro do corredor. Tinha uma galera muito grande daqui, toda essa galera que a gente foi recrutando para o PCdoB. A gente tinha uma ação muito forte da região toda do Butantã. A gente passou por baixo, pelo senado, pelo congresso nacional, pelo túnel, e saímos bem na frente pra entregar um documento do movimento contra a carestia para o Presidente Figueiredo. O que aconteceu? O Figueiredo desceu o pau na gente. Saiu pelos fundos e mandou descer o pau. Apanhamos ajoelhados cantando o hino nacional, os guardinhas assim e a gente cantando emocionado o hino nacional ali na frente.

Era um tempo duro, mas muito gratificante. Eu fazia tudo de novo. Você olhava para os pracinhas assim, tinha uns que até se emocionavam. O cara corria ali e tinha que ficar impávido, vendo o que estava acontecendo ali. Os caras chegaram e pegaram a gente. Inclusive eu estava com a perna contundida. Jogaram em cima de uns ônibus, gás lacrimogênio, pimenta. Cinco, seis viaturas da PM, escoltando a gente até a rodoviária. Ficaram lá até a gente ir embora e não conseguimos entregar o documento. Isso é só uma facetinha do que era aquele tempo.

Mas fizemos uma segunda greve. Essa foi homérica. A gente saiu com, mais ou menos, umas 400 pessoas aqui do Butantan, andando na contra mão pela Vital Brasil com um mega fone. Atravessamos a Marginal e fizemos uma assembleia geral em frente à igreja do largo de Pinheiros. De lá nós pegamos um ônibus e fomos pro sindicato dos metalúrgicos. A gente tinha batuque, o aparato todo. A gente chegava lá na assembleia, à assembleia comendo, já tinha começado há meia hora, e o Butantan chegava batucando, uns 300, 400, todo mundo cantando. Aí o pessoal da mesa falava: vamos esperar o Butantan chegar. A gente chegava e se reunia. A diretoria da ASIB e ao mesmo tempo Comando de Greve se reunia, sentava e fazia uma roda no meio. O pessoal ficava todo em volta e definia o que a gente ia defender. Foi nessa fita que a gente tinha uma pauta que incluía o adicional de insalubridade. Você pode ver que o adicional de insalubridade do estatutário é sobre dois salários mínimos e do CLT é sobre um. Você vê o tamanho da nossa conquista. E o 13º. E foi nesse ponto que eu fiz minha interrupção, porque quando, a gente fez essa greve, governo Montoro, a Saúde toda estava parada, mas o Butantan não estava parado, estava se organizando. Sabe como a gente fez? A gente fez reunião por cargo. Pegamos primeiro o braçal, depois todos os auxiliares, todos os técnicos, depois todos os pesquisadores, pra colher as reivindicações e difundir o que a gente queria fazer. Estava unânime. O Butantan estava fechado no adicional de insalubridade.

Isso como ASIB?

Isso como ASIB. Na época eu já era vice-presidente em exercício. Eu já entro na história da ASIB. Aí, a gente levou essa bandeira, naquele dia, naquela assembleia e, no sindicato dos metalúrgicos. Éramos mais de cinco mil. Ficou definido que a gente ia defender a bandeira do adicional de insalubridade e do 13º e eu era o porta voz. Eu coloquei essa proposta e foi aprovada por unanimidade. A partir daí o movimento ganhou impacto, se unificou mesmo, parou tudo, todo mundo. O Franco Montoro ligou para o Yunes, que era o Secretário da Saúde. Ele estava no exterior. Falou assim: 'O que você está fazendo aí? O Instituto Butantan está parado aqui, o que você está fazendo aí? Vem logo pra cá'. Aí a gente começou articular todo o adicional de insalubridade. Muita luta. Eu tenho um respeito enorme pelo Dr. André Franco Montoro porque ele foi o primeiro governador eleito pelo voto direto. E ele para o Estado foi simplesmente digno. Porque todas essas reivindicações ele concedeu. Ele até alegava que não precisava nem ter parado, que ele não sabia que a realidade era tamanha. Ele não tinha noção. Pelo menos alegava isso. Ele não nos recebeu, mas colocou os intermediários. E o Yunes, deu pra gente a oportunidade de montar um projeto de insalubridade específico para o Estado. Como o nosso piso salarial o Montoro já tinha definido como dois salários mínimos, então a gente colocou 40%, 20% e 10% sobre dois salários mínimos que era o nosso piso salarial. Daí, ser dessa forma. E aí a gente passou por essa fase e a participação, a atuação do Butantan era na linha de frente do movimento. A gente estava em todas. Absolutamente em todas.

Tivemos uma diretoria muito combativa. Tinha o Sami Pecli Crezi que era vice-presidente, a Aurora, acho que era diretora, o Dr. Bene era o tesoureiro, segundo tesoureiro, o Dirceu, acho que ele faleceu, ele era o tesoureiro. Ai tinha a Dra. Aurora Marques, acho que ela era a vice-presidente, a Dra. Itamar era diretora cultural. O Carlos Jared era, acho que secretário. Na época o Carlos Jared era técnico e fazia duas faculdades na USP. Então, todo mundo, todo mundo afinado. Eu tinha uma retaguarda como presidente, as coisas fluíam, porque eu tinha apoio, tinha uma infraestrutura, tanto do ponto de vista convencional, como do ponto de vista de me esclarecer, fornecer dados sobre a instituição que eu não dominava como um auxiliar de laboratório da produção. Eles foram me esclarecendo e tal. Nessa época o Dr. Beçak era o Diretor Técnico do Instituto Butantan e, ele foi muito consciente do movimento que a gente estava fazendo, deu todo apoio para os funcionários, a ponto de a gente dar uma entrevista dizendo que 60% do Butantan estava parado e ele falava: tem que dizer que é 80%. Me chamava e dizia: tem que dizer que é 80%, que a gente tem que pressionar, o Butantan está abandonado, jogado às traças. E foi o Dr. Beçak que fundou a Fundação Butantan, com o intuito de gerenciar recursos, advindos da FAPESP, de trabalhos e ao mesmo tempo de

doações, para eliminar o ranço da burocracia que fazia com que tudo demorasse muito pra acontecer. E no fim a Fundação se transformou no que se transformou e o que a gente consegue perceber é que às vezes parece que tem dois Butantans. Tanto é que quando a gente estava fazendo o nosso movimento a gente fazia questão de frisar isso: a nossa Comissão é mista porque a gente quer deixar claro que não existem dois Butantans aqui⁴. Do ponto de vista da Associação, ela foi criada com um intuito político. O fator cobrança sempre foi muito difícil, porque o Butantan tem um certo ranço. A gente quase conseguiu que fosse pra PRODESP (Companhia de processamento de Dados do Estado de São Paulo), mas aí alguns técnicos, alguns pesquisadores, alguns funcionários se rebelaram porque a gente conseguiu os dados das pessoas. Eles preenchiam uma ficha, e a gente pegou isso pra poder corroborar com o desconto na PRODESP. Aí eles acharam que a gente não tinha pedido autorização pra eles, falaram que era ilegal e aquela coisa toda e a gente teve que retroceder, porque no fundo a gente estava cometendo uma ilegalidade. A gente só estava preocupado com o fim, não estava preocupado com o meio. O fim era cobrar pra ter uma renda mensal, um capital pra poder avançar.

O sonho da ASIB, do ponto de vista assistencial, chegou a passar por isso. Conseguiu até alguns convênios, cesta básica eu comprava enquanto presidente com o dinheiro das contribuições e comprava uma certa quantidade de cestas e vendia por um preço bem inferior só para funcionários realmente necessitados. A gente tinha uma noção, a gente tinha esse mapa, e tinham alguns que a gente nem cobrava. E no fim a cesta terminou virando uma bandeira. E hoje a cesta básica é uma realidade. Até pouco tempo era uma cesta básica mesmo, eram duas caixas, com produtos de limpeza, tudo de primeira qualidade, que foi trocada por esse ticketzinho, que não consegue mais adquirir aquela cesta com R\$ 104,00. Então são tantas as emoções que às vezes a gente se confunde um pouco no andar da história. Indo e voltando, mas é um pouco isso. Essa diretoria era muito forte e tinha o apoio do Dr. Beçak.

Essa não era a primeira diretoria?

Não. O mandato da ASIB antigamente era de um ano. Eu fiz parte da diretoria provisória, mas o presidente era o Heroíno Maurício, técnico de laboratório que trabalhou na Biologia Celular, e depois foi para Herpetologia. Ai ele teve um acidente com cascavel, no serpentário, ai depois passou um tempo, casou e saiu do Butantan. A segunda presidente foi a Gilda Almeida de Souza, que hoje pertence à cúpula de saúde da CUT. Eu fui vice-presidente dela.

⁴ Neste trecho a referência são os movimentos de trabalhadores organizados em Comissões a partir do ano de 2009 e 2010.

Essa já não era mais provisória.

Essa não foi uma gestão provisória. Era uma gestão mesmo, com mandato, eleição e tudo mais. Aquela provisória foi eleita em assembleia com a aprovação da criação da ASIB. Ai teve a primeira eleição, a Gilda foi eleita. Na primeira eleição dela eu fui secretário, na segunda eu fui vice-presidente. Na segunda gestão dela, ela saiu no meio do mandato. Foi nesse período que a gente tocou essa greve. Eu como vice-presidente em exercício.

Mas ela saiu do Butantan?

Ela [Gilda] saiu do Butantan. Ela fez um curso de vigilância sanitária. Ela era uma militante ferrenha, dirigente inclusive do PCdoB e ela foi fundar a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Eu participei da fundação da CUT também. Participei da fundação da CONCLAT (Congresso das Classes Trabalhadoras). Eu fui no 1º de maio histórico, levei mais de 150 jovens. Estava lá, junto com o Lula. Helicóptero, metralhadora, cavalaria e a gente estava lá. Faria tudo de novo, com todo prazer. Porque hoje sou livre, e meus filhos são livres, entre outras. A gente não é totalmente livre, mas os filhos dos meus amigos são livres, e os filhos dos meus filhos serão livres. Então eu faria tudo de novo. Alguém tinha que carregar esse piano e a gente carregou.

Voltando nessas gestões da ASIB. Só para gente identificar essas pessoas que depois a gente pode estar procurando...

Tá. Heroinio Mauricio primeira diretoria provisória de fundação da ASIB. Depois, Gilda Almeida de Souza, primeira gestão acho que em [19]79, segunda gestão em [19]80, aí ela foi até metade do mandato, aí eu assumi como vice-presidente em exercício, logo depois dessa greve eu fui eleito presidente e aí a gente montou uma diretoria muito hábil que tocou toda questão da insalubridade, quem distribuiu todo adicional de insalubridade foi a ASIB. Fizemos um Congresso que saiu a SIPAT, a CIPA do Estado, acho que chama SIPAT. Não. COMSAT. Então, essa COMSAT saiu desse congresso, de insalubridade. Foi um seminário inclusive. E tudo, tudo, apoiado pelo Franco Montoro, através do seu Secretário que era o Yunes. A gente conseguiu, isso ficou marcado. A ASIB ganhou respeitabilidade, no estado inteiro.

Internamente também?

Internamente também. Respeitabilidade. Só que, a gente tinha um problema, ninguém é perfeito. A gente deixava a desejar na parte assistencial. Sempre deixamos. Porque é lógico, naquele momento você tinha que definir prioridades, até

parte da diretoria às vezes não concordava com a postura que a gente dava para o encaminhamento da Associação. Mas era um instrumento de luta. E a gente conseguiu fazer algumas coisas do ponto de vista assistencial. Depois no futuro a gente conquistou o refeitório, conquistou cesta básica. Conquistar uma sede, e uma praça de esportes e ver todos os servidores do Instituto Butantan reunidos, sem preconceito em volta de sua própria organização, esse é o meu sonho. Tenho 36 anos de Butantan e tenho esse sonho.

Esses momentos antes da criação da ASIB, como que se dava essa organização? Pra reunir esses trabalhadores precisava ser uma coisa escondida, clandestina ou se podia fazer uma reunião aberta? E depois com a criação da ASIB, com a queda do governo militar, como é que foi isso?

O Butantan tem uma coisa muito estranha, tenho dificuldade pra entender como é que isso se formou. O Instituto Butantan tem esse conservadorismo, na sua coluna vertebral. Onde já se viu você ser contra a proposta de uma área de esporte para os funcionários? Você acha que isso não bate com a saúde, com o bem estar do funcionário? Ele não vai trabalhar melhor? Poxa meu! Eu acho que, a gente tem, se nós organizarmos direito a nossa associação, da forma que o Valério vem fazendo isso hoje, tomando cuidado para que o estatuto esteja bem fundamentado, legalmente tudo mais, a gente pode fazer um grande projeto, da nossa organização, com sede, anfiteatro, tudo que tiver direito, inclusive fazer as nossas festas de finais de ano, dentro do âmbito da Associação, aí talvez a realização do sonho, de ter todas as pessoas reunidas em torno da Associação, numa área que seja dedicada aos funcionários vamos dizer assim. Definitivamente! Ninguém vai fazer mais laboratório lá, ninguém vai mais derrubar aquilo, aquilo lá é uma área dos funcionários. E aí a gente faz projetos consegue fomentos, consegue apoio, patrocínio, a gente pode dar até [o nome], põe Dr. Kalil, gabinete em homenagem ao Dr. Kalil se ele simpatizar com a ideia. E eu não estou fazendo isso em forma de provocação não. Eu diria pra qualquer Diretor Técnico isso. Acho que é o mínimo, que alguém que dirige uma instituição com esse peso pode fazer em reconhecimento pelos funcionários, que até então, trouxeram esta instituição funcionando mal ou bem, mas trouxeram. Quando eu trabalhava aqui era artesanal. Punha a mão na massa mesmo. Não tinha fermentador, não tinha manômetro, era ali, improvisando, e dando material para os laboratórios virem, copiar as nossas ideias, nossas criações, nossos improvisos, para ir montando uma parafernália mais bonita, mais sofisticada, mais eficiente. Por que aí, lógico que o artesanal não se compara a uma coisa que é industrializada, que é bem planejada, desenhada e tudo mais, e hoje resulta num parque desse de produção. Mas foi daquelas pessoas de [19]78, 1960...

Como é que os trabalhadores se identificam? Do tempo que você está aqui, ele se identifica com o Instituto, ele se identifica com a ASIB? Já se identificou mais e agora menos...

Não sei, tenho algumas dúvidas, quando comecei a trabalhar no Instituto Butantan eu fiquei seis meses sem por a mão em nada, só ficava olhando o pessoal trabalhar e, porque a gente trabalhava com material muito perigoso, a gente punha a mão em toxina tetânica concentrada, toxina botulínica concentrada, tipo assim, 10 ml daquela toxina numa caixa d'água de uma cidade contaminava todo mundo. Ai você vai criando um idealismo, um amor pela instituição, um respeito pela instituição porque ela vai te transformando numa pessoa, vai te moldando a ser uma pessoa, responsável, atenta, concentrada nas coisas, eu adoro o Butantan cara, eu sou Butantan, sou resultado do Butantan, sofri até preconceito aqui para trabalhar, e passaria por tudo de novo, porque me transformou numa pessoa, eu me sinto digno, e eu sei que eu mereço isso, eu me sinto um cidadão digno hoje, coisa que eu não me sentia quando eu entrei no Instituto Butantan. Se eu me sinto hoje, é porque eu devo isso a essa instituição, mas eu me dediquei a ela e continuo me dedicando, e sei que muitas pessoas, funcionários, servidores antigos que quando passam por uma mudança, uma evolução da instituição, eles são esquecidos, jogados num canto, o know how que eles tem num tempo valor algum, eles não opinam sobre nada, ninguém quer ouvi-los. Quando eles detêm a história, as tradições, eu acho bastante digno que muitos funcionários, servidores antigos, eles tem consciência do que fazem na instituição e para que serve a instituição. Eu me orgulho do trabalho que eu faço, eu trabalhei na Produção, com tétano, trabalhei com difteria, ai depois trabalhei com gangrena, botulismo, ai fiquei de saco cheio da Produção, fiquei uns 12 anos na Produção, a produção era muito repetitiva. Eu saí da Fundação [Produção] antes do Isaias chegar. Ai eu quis ir para Pesquisa, porque utopicamente eu ainda achava que eu podia ser um pesquisador. Então eu falei, bom, eu vou para a Pesquisa, Butantan esta mudando, estava chegando novas lideranças, chegando o Isaias, o Osvaldo Santana; eu falei, bom, vou para esses laboratórios, racho, quebro a cabeça, entro num faculdade, consigo uma bolsa, vou me transformar em biólogo, depois eu vou prestar concurso para pesquisador. Ledo engano. Não consegui nada disso. Não foi tão simples assim. Na época eu era casado, pai de dois filhos, diferença de nove meses de idade cada um, e eu comecei a pagar a faculdade na época do Collor. Ai o Collor congelou a economia, surrupiou a poupança da galera. Crédito educativo, eu fiquei esperando, só que oito meses depois, o que eu pagava, naquela época tinha inflação né? Não vamos esquecer disso, inflação pesada! Então assim, eu entrei na faculdade, na UNG, lá em Guarulhos, pagando um terço do meu salário, com a faculdade, fora gasolina, essas coisas todas, eu tinha

um fusquinha velho... Oito meses depois já tinha comido meu salário, eu já estava inadimplente, tanto é que eu não posso dizer que eu sou nível superior incompleto, eu nem tranquei a matrícula, eu abandonei o negócio, tive que optar, ou eu crio os meus filhos e toco minha vida. Naquele tempo o buraco era mais embaixo, não tinha refeitório, nada disso, o bagueio era louco. E aí os funcionários, quando você fala dos funcionários mais antigos, tem essa cultura. Essa pergunta que você faz é procedente desse sentido. Você pegar os funcionários mais antigos, principalmente da área técnica, você vai descobrir que esse pessoal tem uma consciência da instituição, você encostar um know how desse às traças, cara vai, eu vou levar o meu conhecimento para aonde se eu me aposentar do Butantan? Hoje eu moro na vila, tenho pretensões de ficar até próximo dos setenta anos. Porque é oportunidade que eu tenho de fazer o meu pé de meia, já que eu não pago, água, luz. Eu não pago aluguel. Porque o Butantan sempre me deu um salário paupérrimo, hoje que está começando a mudar um pouco essa política de salário, mas é principalmente em detrimento do tempo, que são trinta e seis anos trabalhados. Então termina pesando os quinquênios, essas coisas todas, sobre um salário, um piso salarial que ficou maior, então hoje eu ganho um pouco melhor, proporcionalmente ao que eu ganhava no passado, um pouco melhor, quase o triplo proporcionalmente.

Você sabe desde quando tem a vila aí?

Olha, eu já ouvi falar que essa vila tem oitenta anos aproximadamente. É, porque assim, antigamente o Butantan tinha vários vilarejos, então lá na área atrás da delegacia tinha um vilarejo, moravam mais ou menos umas quinze famílias, aí subia lá para os lados da Fazendinha, tinha outro vilarejo, mais ou menos umas quinze a vinte famílias, aí caía pro lado de cá, na frente do refeitório aqui, hoje, e atrás do Biotério, tinha outro vilarejo, mais umas quinze a vinte famílias, isso agora, que foi se rarefazendo, porque quando o Instituto Butantan começou não tinha jeito, as pessoas moravam aqui, o Instituto Butantan era toda a USP, o Jaguaré, o Rio Pequeno, era uma fazenda. Um acordo de Secretarias, fez com que essa área que hoje é a USP fosse cedida para Secretaria de Educação e a Secretaria de Educação cedeu a Fazenda Araçariguama, que hoje o Butantan polariza desenvolvimento, tanto é que hoje é um município lá, mais importante do que São Roque. O Instituto Butantan polarizou todo o desenvolvimento aqui. Não pensa que foi a Praça da Sé meu! Foi daqui pra lá. O Instituto Butantan abre portas. Se você chegar falando que é do Instituto Butantan num lugar pedindo um fomento, um apoio, é dois palitinho cara. As pessoas respeitam esta instituição. Abre portas mesmo, é impressionante.

Voltando a linha do tempo.

Ah! O Quércia! A gente votou no Quércia para o Maluf não entrar. O Maluf governador biônico, representante máximo da ditadura. A gente apoiou o Quércia, foi o senador da república, o senador mais votado, aí como governador ele já era dono do PMDB e se revelou um centro direita infernal cara. Primeira coisa que ele fez com a gente foi tirar licença-prêmio do funcionalismo, e a gente tinha o 14º salário, PIS/PASEP. Tirou o nosso PASEP, reduziu ele a dízimos, uma vez por ano, vinte, trinta conto, não sei como é que ele conseguiu isso. Foi no governo do Quércia que a gente conquistou o plano da carreira de apoio. Hoje existe uma carreira de apoio. Essa carreira de apoio a ASIB também teve uma atuação! A carreira de pesquisador, na época da gestão da Gilda, não existia, estava sendo criada, e os biólogos, farmacêuticos e os médicos que trabalhavam no Butantan foram pegos a laço praticamente pra poder entrar na carreira. Não tinha que fazer concurso. E a Dra. Alba [Lavras], quem tinha a batuta na mão, convencendo, fundou a carreira de pesquisador. Tenta entrar nela hoje. Carreira de apoio, também a mesma coisa. Ver tornar ela uma realidade, todos os funcionários entraram nela com muita facilidade, eu já era técnico e consegui permanecer, não deu para passar para assistente, porque um dos quesitos era ter nível superior. Então eu não consegui passar para assistente, na carreira, na minha avaliação quando eu fui fazer os exames de acesso.

Então vamos voltar, você ficou, uma ou duas gestões eleito na ASIB?

Eu fui três vezes. Uma em exercício e duas eleito mesmo. Eleito e reeleito. Ainda era de um ano, acho que na segunda gestão já eram dois anos. Depois eu passei para [a] Suzana, [que] foi presidente por um mandato, na época do Fleury. Nosso mandato é dois anos, mas o governo é quatro, correspondia a dois mandatos [nossos]. [Na sequência] o Nelson pega um mandato [no governo] do Fleury também. O Nelson que era da informática. Do começo da Informática. Passou para três anos [o tempo de gestão], porque ele era CLT, para ter estabilidade. Depois da Suzana, Nelson, aí Darlene, Fleury, Mario Covas, depois da Darlene...

Foi o Valério?

Jorge Alamini. [Carlos] Valério era diretor cultural dele. Ainda [no governo] Mario Covas. Jorge Alamini, Valério, Righeti, Vânia e essa última menina aí da Produção [Cristiane] que a gente fez a eleição. Acabou de renunciar e tudo mais.

Então, dessas gestões que você participou, como que era? Você citou o Beçak...

Dr. Bruno Sorensen, aí depois, quem foi o outro diretor técnico? Dr. Willy Beçak. E desses dois mandatos era o Bruno Sorensen. Aí depois o Dr. Beçak. O Dr. Beçak coincidiu, ele foi indicado justamente quando o primeiro governador

eleito entra, o Beçak era o diretor mais democrático que tinha aqui no Butantan. Eu tiro o chapéu, eu não vi nenhum diretor com a qualidade dele, com a competência dele, e com o jeito simples e eficiente de gerir, sincero, direto, entendeu? Todas as reuniões de fechamento de ano, eu me lembro de estar sentado na mesa com o Dr. Beçak, como presidente da Associação, nas minhas duas gestões. E em ambas nós apresentamos propostas de encaminhamento pra melhoria da Associação, pra melhoria da Instituição, porque não adianta você pensar como funcionário, como servidor, só no seu nariz, só na sua organização, você tem que pensar na organização como um todo. Se você não é um funcionário que cumpre suas funções, se você não cumpre o seu dever, não sabe o que você está fazendo, você não merece nem reivindicar absolutamente nada, você não está sendo digno da sua função. Naquele tempo a gente conseguia perceber que existia uma diferença muito grande, a ponto do Dr. Beçak chegar para o resto da diretoria como um todo: vocês precisam levantar a cabeça, não tem mais um machado no pescoço de vocês, nós estamos vivendo um outro período, vamos levantar a cabeça, vamos. E não tem nada de conivência, tem uma palavra política que define bem isso, conchavo. Não era isso, vender a alma pro diabo, é que a gente percebia que naquela direção, tinha um objetivo nobre, representado por uma pessoa simples, eficiente, clara e sincera. Você entendeu? Então, era fácil trabalhar com o Dr. Beçak e, a gente estava lado a lado, a Associação toda. Então na gestão do Dr. Beçak eu acredito que se a gente não tivesse com aquele movimento, ele não contasse com o apoio da diretoria da Associação ele não teria conseguido promover as mudanças que ele promoveu. Criaram uma Fundação.

E as famílias?

Então é, você pega, por exemplo, famílias tradicionais, que a gente tinha ficado de falar um pouco nisso, pessoas importantes na história do Butantan, por exemplo, Dr. Murilo, foi diretor da Virologia e começou aqui no Butantan como técnico de laboratório. Carlos Jared, família tradicional do Butantan. O pai dele trabalhou aqui, foi residente, se aposentou aqui, ele foi residente, pessoa de extremo caráter, tiro o chapéu mesmo, a ponto de eu, como auxiliar de laboratório, um cara perseguido, ele ser meu secretário na minha [primeira] gestão na ASIB. Aprendi tanto com aquele cara.

Você estava falando também, da família da Dona Vera...

Família da Dona Vera, é uma família tradicional, a família da Fátima Canhoto, também é uma família antiga, são os pioneiros, o pessoal lá de trás, pessoal que, bem antes de mim, trabalhava aqui quando era fazenda, que montava cavalo, que tinha que ter os caras pra colher mato para alimentar os cavalos,

para alimentar os coelhos, para alimentar as cobras, você entendeu? E era muita gente que morava aqui. Com o advento da Fazenda Araçariguama, o pessoal que estava mais voltado para essa área de imunologia direta no cavalo, administração do antígeno no cavalo, porque os cavalos foram pra lá, aqui já não combinava mais cavalo. Então todo esse pessoal que fazia essa infraestrutura foi morar na Fazenda. Então, vai lá na Fazenda São Joaquim, em Araçariguama, tá cheio de vilarejos, lá pra dentro. Quem trabalha lá é residente. Lá tem as características originais do Butantan.

Como você vê hoje a luta dos trabalhadores? E a atuação da ASIB, o que avançou, o que acabou se perdendo?

Eu não sei, eu acho que, o advento da Fundação, por ter uma legislação trabalhista diferenciada, que permite a punição da demissão e uma série de outras coisas, ela torna bastante inviável qualquer possibilidade de aglutinação massiva mesmo, do setor de Produção ou de qualquer coisa que esteja ligado à Fundação por conta disso. Mas por outro lado, na iniciativa privada, os metalúrgicos, os entregadores de gás, os eletricitários, eles também correm o mesmo risco, e se organizam e promovem as suas conquistas e tudo mais. Eu acho que com o advento do Sindicato⁵, colocando um pouco de ordem no que concerne ao modo de tratar o trabalhador da Fundação, agora, a tendência é isso ficar cada vez mais leve, menos denso, menos pesado de trabalhar na Fundação a partir da ação do Sindicato. Porque o Sindicato vai ganhando confiabilidade à medida que ele vai conquistando. Toda organização acontece dessa forma - se não tem conquista, ela não tem credibilidade. E o Sindicato já promoveu algumas conquistas, por exemplo, o atrasado que tinha na Fundação, o que faz com que ele ganhe mais peso, mais respeitabilidade, tanto por parte dos funcionários da Fundação, dos servidores do Instituto Butantan que trabalham na Fundação, e direção da Fundação e Instituto em relação ao próprio Sindicato. Com relação à organização dos funcionários estatutários, é difícil não falar dessas coisas de forma distinta. Porque são distintas pelo menos enquanto legislação. Não é a nossa ideia ter, ser uma coisa fechada, ser uma coisa bilateral. Não é isso. Mas você tem que enxergar as coisas como elas são. Então, a gente tem um pouco mais de facilidade de se unir, mas, mesmo assim, nós nunca conseguimos uma unidade que fosse 100%. Mas eu tenho a impressão que no meio dos trabalhadores também não acontece isso, 100% de adesão, é falácia, é para impressionar o patrão, pro patrão ficar com medo. Sempre tem aquele cara que toma tiro, apanha, mas fura greve, entra pra dentro e vai trabalhar. Sempre tem esses caras.

⁵ Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo.

Você falou sobre racismo em sua trajetória.

Aqui no Butantan tinha um técnico que era racista, não tinha lei que protegesse, eu ainda era um cara que tinha cabeça baixa, fui criado em colégio interno e aprendi, por exemplo, conseguiram colocar na minha cabeça, que o negro foi escolhido pra escravidão porque ele era perfeito pra ser escravo. Eu aprendi isso no colégio interno. Vou te dar uma passagem da minha vida, tem uns amigos meus que gostam das minhas histórias, eles começam até chorar. Fui trabalhar como vendedor de máquina Singer eu tinha 14 anos. Usavam muito esse negócio de moleque pra vender máquina porque, seduzia por dó, ou coisa desse tipo, o comprador. Então saía uma Perua e sempre tinha um moleque no meio, e eu de calça curta e tal fui vender máquina, Singer, no Morumbi. Aí chegou, os caras me colocaram numa rua, você vai batendo de casa em casa, toca a campainha, fala que você quer falar com a patroa, que você tem um produto para oferecer. Eu sempre fui muito bom de conversa, até ali era um dos vendedores mirim melhor que todos. Apertei uma campainha meu amigo, apareceu uma mulher negra na janela. Sobrado bonito. Olhei pra ela, falei: será que dá pra senhora chamar a patroa da senhora que eu tenho uma máquina aqui pra vender. Ela olhou pra mim, lá de cima, falou: pode falar menino. Eu falei: não, eu precisava falar com a patroa. Vai vendo o meu raciocínio, não conseguia conceber que aquela mulher era dona daquela casa. Eu não conseguia entender isso. Ela falou: Pode falar! Mas assim, benevolente, ela foi benevolente, ela não foi ríspida nem nada, me lembro bem do semblante dela. Eu fiquei parado olhando pra ela, eu falei, por favor, dá pra senhora chamar a patroa, eu tenho uma meta pra cumprir, o pessoal vai me cobrar depois. Ela falou, espera aí. Fechou a janela, desceu, abriu a porta da sala, encostou pro outro lado: qual o seu nome? Eu falei Antônio Carlos. Ela falou: Antônio Carlos pode falar, eu sou a patroa, eu sou a dona da casa. Eu não me lembro do que aconteceu. Porque assim, com a pasta, olhar perdido, uma hora no mesmo lugar que me deixaram, em pé assim. Você não tem noção, o que foi ser negro na Ditadura. Minha mãe solteira, não tenho família, a única pessoa que eu conheci da minha família foi minha mãe. A velhinha sofreu! Me internou em colégio, estava cozinhando, queria que eu fosse pianista, mandava tudo, todo dinheiro dela pro colégio, a diretora dava para os filhos dela, jogava os bagaços pra gente comer. As frutas. Me lembro de uma passagem nesse colégio, que começou a fazer a derrama que minha mãe descobriu que ela estava sendo enganada. Eu, em cima de uma mesa, essas mesas grandes, colégio interno estudava numa mesa grande de madeira, que os alunos sentavam em cima, tudo em volta pra comer, ariando, pelado, um caldeirão desse tamanho assim ó. Na frente de uma janela. Tinha uma professora que dava aula para o primário, para os alunos do externato mesmo, eu me lembro como se fosse hoje, ela chamava Dona Zuleica. Eu vi que

o pessoal estava lá, todo mundo sentado e tal, e eu esfregando, me divertindo. Moleque, acho que eu tinha, oito ou nove anos. Ela olhou, largou a sala, praticamente pulou a janela. O que quê vocês estão fazendo? Cambada de imbecil, tira esse menino daqui já. Pegou me abraçou, me deu um banho, exigiu do pessoal roupa, me colocou sentado na primeira carteira. E eu fui o melhor aluno da classe. Essas coisinhas né? Sessenta e dois anos bem vividos. Muito bem vivido. Você acha que eu podia imaginar, que eu teria uma filha formada nos Estados Unidos, na quinta melhor universidade do mundo? Que já fala três idiomas, com 23 anos de idade. É a vida. E a vida é muito linda, cara. E a gente só tem o que a gente merece. Tudo conspirou pra eu não estar aqui hoje.

Você contrariou as estatísticas...

Se eu estou, eu mereço. Não caio fácil não. Sou uma manteiga derretida como vocês podem ver, me emociono mesmo. Sabe o que mais me incomoda, nos jovens? É que quando eles estão alçando poder, lutando pra conquistar um espaço dentro da sua área, eles tem uma coisa chamada idealismo, projetos, críticas, e eles vão entrando, eles vão entrando, e vão assumindo o poder. Não adianta vocês vão comandar isso aqui amanhã. Mas não são eternos. Maior de todas as verdades é o nascimento e a morte. No momento certo vocês vão estar no comando, não sei se daqui ou de outro, mas, por favor, não deixa escapar o ideal de vocês, não deixa de por em prática aquilo que tanto atrapalhou vocês, não deixe de dar oportunidade às pessoas que, como vocês, precisaram ter pra chegar aonde chegaram. O poder não pode transformar uma mente sadia numa mente insensível, voltada para interesses ineficientes como na maioria das pessoas que estão no poder. Se não, vocês vão ser amargos na velhice, vocês vão se dar conta do que poderiam ter feito e não fizeram. Obrigado por essa entrevista.

